

**POSSIBILIDADES PARA PENSAR A IMPRENSA QUE CIRCULAVA EM
MARIANA (MG) NO SÉCULO XIX: AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DO
JORNAL *O NOVO ARGOS* .**

**POSSIBILITIES TO THINK THE PRESS THAT CIRCULATED IN MARIANA
(MG) IN THE 19TH CENTURY: THE FIRST EDITIONS OF *O NOVO ARGOS*
JOURNAL.**

Priscilla Verona *

Resumo: O artigo pretende trazer alguns apontamentos iniciais no que se refere ao periódico *O Novo Argos* em seu momento preliminar de publicação. O jornal era redigido pelo padre e professor Antonio Ribeiro Bhering, intelectual e liberal de pulso firme e pena afiada, e teve tiragem entre novembro de 1829 e janeiro de 1834. Embora tenha sido publicado em Ouro Preto o periódico teve circulação intensa na cidade de Mariana e seus arredores. Em nossa breve análise, como não é possível ter acesso aos leitores empíricos que de fato liam o jornal *O Novo Argos*, buscou-se vislumbrar quem eram os leitores visados pelo periódico na cidade Mariana. Deste modo, partilhamos de possibilidades metodológicas que contribuem para o estudo do impresso de uma maneira geral, e que nos permite questionar qual era o tipo de leitor que o redator do periódico tinha em mente quando produzia seus textos. Refletir acerca de quem seria o leitor - modelo nos permite não somente questionar qual leitor um autor prevê para o seu texto, mas principalmente mensurar os tipos de leitores que se procurou instaurar e formar através da imprensa.

Palavras – chave: imprensa, leitor modelo, Mariana

Abstract: The article intends to bring some initial notes regarding the periodical *O Novo Argos* in its preliminary moment of publication. The newspaper was written by the priest and professor Antonio Ribeiro Bhering, intellectual and liberal with firm wrist and sharp pen, and was drawn between November 1829 and January 1834. Although it was published in Ouro Preto the periodical had intense circulation in the city of Mariana and its surroundings. In our brief analysis, since it is not possible to have access to the empirical readers who actually read the newspaper *The New Argos*, we sought to glimpse who the readers targeted by the newspaper in the city Mariana. In this way, we share methodological possibilities that contribute to the study of the print in a general way, and that allows us to question what type of reader the newspaper editor had in mind when producing his texts. Reflecting on who would be the model reader allows us not only to question which reader an author foresees for his text, but mainly to measure the types of readers who have tried to establish and form through the press.

Key words: press, model reader, Mariana

* Doutoranda em Educação pela FAE/ UFMG na linha de História da Educação. E-mail: pri.verona@yahoo.com.br

Os discursos presentes na imprensa que circulava em Mariana durante a primeira metade do século XIX, em consonância com os demais impressos periódicos que foram produzidos nesse período no restante do território imperial, veiculavam temas relacionados à construção de uma Nação civilizada e moderna. Os redatores discutiam suas impressões acerca de assuntos como a “Constituição Brasileira”, a “pátria” e o “cidadão” (O NOVO ARGOS. 10 de janeiro, 1829), ao mesmo tempo em que tematizavam a “instrução” como elemento essencial para a “prosperidade pública” (ESTRELLA Mariannense. 11 de agosto, 1831).

Estudos sobre o papel da imprensa periódica nas primeiras décadas do XIX apontam a construção de um discurso político que se pautava não somente na construção de um ideário nacional, mas que possuía pretensão educativa. Os periódicos assumiram funções de agente de cultura, uma vez que seus redatores se viam capazes de mobilizar/ formar opiniões, propagar ideias e educar (LUSTOSA, 2003; PALLARES -BURKE, 1998). Nesse sentido, trata-se de um artigo que pretende pensar de que modo, historicamente, os discursos presentes nos periódicos pretendiam alcançar ou mesmo formar esse *leitor modelo* visado pelos redatores. Cabe ao historiador lembrar que um indivíduo que vivia em Mariana na primeira metade do século XIX vivia num universo mental muito distinto de um homem do tempo atual, e além disso, as próprias práticas de leitura se transformaram ao longo do tempo, seja em seus modos e significados. Nos séculos XVIII e XIX a leitura era frequentemente feita em grupo e em voz alta, ou mesmo em segredo, e muitas das vezes com a intensidade ou entonação que sequer somos capazes de imaginar. Para DARNTON, no início da era moderna, por todas as partes “os leitores não se limitavam a decifrar os livros, mas extraíam um significado deles”. Assim, apesar da percepção daquele que lê, “os textos moldam a recepção dos leitores, por mais ativos que possam ser”. Com efeito, características como tipografia, estilo e sintaxe podem determinar de que maneira os textos transmitem sentidos (DARNTON, 2010, p. 145).

Identificar vestígios e reconhecer estratégias através das quais o autor ou editor impõe uma ortodoxia do texto é essencial, se tornando quiçá uma boa maneira do historiador lidar com essa tensão que já se encontra estabelecida e que deve ser problematizada quando buscamos compreender a respeito de determinados significados em um impresso. Nesse sentido partimos da premissa que a leitura é prática criadora, e atividade produtora de sentidos

e de significações que não se reduzem, todavia, às intenções do autor (ECO, 2011; DARNTON, 2010; CHARTIER, 1990).

Apontamentos iniciais e a busca por um leitor visado em *O Novo Argos*

Buscamos neste trabalho trazer alguns apontamentos iniciais, no que se refere ao periódico *O Novo Argos* em seu momento preliminar de publicação. Este jornal era redigido pelo padre e professor Antônio Ribeiro Bhering e circulou entre novembro de 1829 e janeiro de 1834, em Mariana, sendo impresso na Oficina Patrícia, a mesma tipografia que imprimia o periódico *O Universal* em Ouro Preto. Para a confecção deste artigo foi realizado um recorte histórico sucinto que compreende somente o momento inicial de publicação do periódico, ou seja, o ano de 1829 e suas 8 edições impressas correspondentes aos meses de novembro e dezembro. Não existe, deste modo, a pretensão de estabelecer qual era o tipo de leitor visado pelo autor/ redator do periódico em toda sua integralidade, ou mesmo encerrar discussões sobre a quem ele se destinava quando circulou na sociedade marianense. Pretende-se portanto, adentrar um universo de possibilidades e questionamentos, no sentido de se aproximar do perfil do possível leitor para o momento ou fase inaugural do jornal. Para tanto intencionamos lançar mão de estratégias metodológicas que concernem às peculiaridades de se analisar o impresso como uma fonte histórica repleta de potenciais; e assim concentrar olhares no sentido de entender um pouco mais sobre esse possível leitor visado pelo autor nas oito primeiras edições de *O Novo Argos*, publicadas no ano de 1829.

Galvão e Jinzenji (2011), realizaram uma análise do impresso *Boletim da Vida Escolar*, que circulou na cidade de Lavras na primeira década do século XX, e ao apontarem possibilidades metodológicas importantes para o estudo do impresso traçaram um perfil do leitor visado pelo autor e editor do *Boletim*. O texto do impresso foi analisado nos momentos em que há nomeação explícita desse leitor, em segundo momento foram analisadas as temáticas mais abordadas no periódico, e ao final foram analisadas as estratégias discursivas utilizadas pelo editor para instituir esse leitor modelo. Apesar de os impressos periódicos serem relativamente mais acessíveis para análise, é preciso contar com o fato de que “a leitura ou as práticas de leitura e a identificação de leitores desses textos são menos explícitos” (GALVÃO E JINZENJI, 2011, p. 18).

Para o caso de nossa breve análise, como não é possível ter acesso aos leitores empíricos que de fato liam o jornal *O Novo Argos* em 1829, nos resta tentar

vislumbrar quem eram os leitores visados pelo periódico em Mariana. Deste modo, seguiremos partilhando de algumas possibilidades metodológicas que contribuem para o estudo do impresso, e nos permite questionar qual era o tipo de leitor que redator do periódico tinha em mente quando produzia seus textos. De acordo com Galvão e Jinzeji (2011) tais questionamentos acabam se desdobrando em outros, nos levando à ordem das habilidades de leitura e dos conhecimentos que o autor creditava a seus leitores.

Refletir acerca do conceito de leitor - modelo nos permite não somente questionar qual leitor um autor prevê para o seu texto, mas principalmente mensurar os tipos de leitores que se procurou instaurar. De acordo com Humberto Eco (2011), é preciso enfrentar a pragmática do texto, ou seja, se lançar em uma atividade cooperativa que leva o destinatário a tirar do texto aquilo que o texto quase sempre não diz, mas que pressupõe, promete e implícita. Essa atividade nos leva a “preencher os espaços vazios, a conectar o que existe naquele texto com a trama da intertextualidade da qual aquele texto se origina e para a qual acabará fluindo”. Nesse sentido é importante trazer à luz, quando não o leitor empírico, ao menos o destinatário que a despeito de ser um elemento abstrato, é constitutivo do jogo textual. Assim: “Postular a cooperação do leitor não quer dizer inquinare a análise estrutural com elementos extratextuais. Como princípio ativo da interpretação, o leitor constitui parte do quadro gerativo do próprio texto” (ECO, 2011, p. IX- XI).

Os textos impressos apresentam elementos textuais que nos permitem traçar um perfil da dimensão do leitor, desse modo buscaremos adentrar um universo do passado em busca de significados. Para Darnton, se pode ler um ritual, ou uma cidade, da mesma maneira como se pode ler um conto popular ou mesmo um texto filosófico, pois a leitura é feita em busca de significados - “ significado inscrito pelos contemporâneos no que quer que sobreviva de sua visão de mundo”. Ao historiador cabe a tarefa de adentrar a dimensão social do pensamento, e assim extrair uma significação do documento, “passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro, até abrir caminho através de um universo mental estranho” (DARNTON, 2015, p. 17).

Desse modo, não intencionamos trazer uma resposta definitiva acerca de quem seria o leitor visado para o redator de *O Novo Argos*, mas muito mais vislumbrar algumas características referentes a esse suposto leitor. Consideramos que somente uma análise mais aprofundada de todas as edições do periódico em sua longevidade, aliada ao uso de outras fontes nos permitiria traçar o perfil do leitor visado pelo redator. Assim, em menor escala, nos guiaremos enquadrados em nosso breve recorte, que engloba o primeiro momento de

publicações do periódico, no ano de 1829. E nesse sentido, se faz importante colocar alguns questionamentos básicos como: quais elementos textuais do impresso e aspectos da cultura escrita marianense nos permitem identificar ou sugerir um possível leitor durante as primeiras 8 edições do periódico?

O periódico *O Novo Argos* era impresso na Oficina Patrícia, a mesma tipografia d'O Universal, o nome da tipografia era uma referência à pátria, e ficou conhecido como sendo primeiro jornal mineiro a trazer impresso o nome de seu redator, Antonio Jose Ribeiro Bhering. Assim como os demais periódicos mineiros do período, ele apresentava um texto bastante polido, no entanto, trazia críticas políticas fortes mas ao mesmo tempo de forma prudente. O líder liberal Bernardo Pereira de Vasconcelos, se referia frequentemente ao periódico *O Novo Argos* em suas colunas de *O Universal*, apontando seu redator como um ídolo dos mineiros e defensor da liberdade.

Apesar de *O Novo Argos* ter se prontificado em seu primeiro número, a assumir um caráter semanal, constatamos que ele não seguiu à risca esta frequência nos anos de seu período de vigênciaⁱ. O impresso tinha o custo de 800 réis a subscrição trimestral ou 80 réis a folha avulsa, e era composto de quatro páginas, que se dividiam em um prospecto de capa o qual abordava temas políticos, uma seção que geralmente não continha título e abordava algum tema referente a política local, uma coluna sobre notícias nacionais, e outra coluna se referindo a notícias estrangeiras.

Alguns aspectos da cultura escrita em Mariana (1929)

Na intenção de trazer algumas informações acerca da cultura escrita em Mariana durante o ano de 1829, serão abordados alguns dados referentes a constituição urbana da cidade, população, dados sobre escolarização e sobre os níveis de alfabetização local. Isso, no sentido de visualizar indícios que se relacionem a cultura escrita, ou mesmo que nos possibilite pensar o lugar que o impresso/ escrito ocupava na sociedade marianense.

O Termo de Mariana localizava-se na região Mineradora Central Oesteⁱⁱ, integrando grupo dos centros urbanos mais importantes da província mineira na primeira metade do século XIX. A dimensão do urbano no contexto local caracteriza-se como um processo, representando o resultado de uma construção coletiva, que de certa forma é indissociável da dimensão do cotidiano e das experiências e processos simbólicos que a este cotidiano estão associados. Poderíamos dizer que o padrão específico de urbanidade que se

constituiu na província mineira, e em Mariana, encontrou ressonância em outras dimensões. E o processo de configuração espacial específico que existiu em Minas, marcado pela inversão das relações tradicionais entre espaço urbano e espaço rural, reforçou um padrão de singularidade que veio manifestar-se em outras áreas, talvez na própria cultura escrita. A trajetória singular percorrida pela sociedade mineira se manifestou na dimensão do ensino, uma vez que “a ambiência urbana que caracterizou a região, na primeira metade do século XIX, imprimiu marcas específicas no desenvolvimento dos processos de educação da população” (FONSECA, 2014, p. 4).

A escolarização das crianças e camadas populares constituía, juntamente com o projeto de urbanização e saneamento, um dos planos de intervenção do Estado de maior ênfase nesse período. E o espaço urbano de Mariana, durante os séculos XVIII e XIX, apresentou-se como um espaço privilegiado na área do ensino, sediando, além das inúmeras aulas de primeiras letras, dois importantes estabelecimentos de ensino secundário: o Seminário Nossa Senhora da Boa Morte e o Colégio dos Padres Osório, instituições de referência para a educação em Minas Gerais durante o período.

Para trazer dados acerca da população de Mariana no período de nosso recorte, recorreremos ao recenseamento realizado nos anos de 1831 e 1840 em Minas Gerais, a mando do governo da província. O censo teve como resultado as Listas Nominativasⁱⁱⁱ, e de acordo com a lista referente a 1831, a sede^{iv} do Termo de Mariana possuía um total de 2.972. E de acordo com a lista de 1840 a população contava com um total de 2.044 habitantes.

A lista nominativa referente ao ano de 1831, nos oferecerá informações acerca do aprendizado da leitura em Mariana, porém não oferece a informação sobre o índice de alfabetização. O que nos levou a recorrer a lista de 1840 à fim de obtermos esse índice. Como nosso recorte se concentra no ano de 1829, será necessário fazer uma aproximação que nos permita pensar o referido ano do recorte, com base nas informações das listas referentes a 1831 e 1840. Na intenção de apresentar uma aproximação acerca dos indivíduos que frequentavam aulas, ou aprendiam a ler em Mariana no período, utilizamos a Lista Nominativa do ano de 1831 para confeccionar a Tabela 1

Tabela 1:População de Mariana que se ocupava do aprendizado da leitura^v, incluindo 0 a 6 anos. (Ano:1831)

Sexo	Aprendendo a ler/ na escola/ em estudos com os pais/ frequenta aulas		Não está aprendendo a ler/ não frequenta aulas		S/ Informação		Total
	N	%	N	%	N	%	
Mulheres	2	0,5 %	670	43,9 %	852	55,9 %	1524
Homens	88	6,1 %	702	48,5%	658	45,4 %	1448
Total							2.972

Fonte: Tabela elaborada com base na Lista Nominativa dos habitantes de Mariana (1831). APM/ Cedeplar

Como não possuímos o índice de alfabetização em 1831, a intenção foi trazer a partir da Tabela 1 um panorama quantitativo sobre os indivíduos que estavam aprendendo a ler/ na escola/ em estudos com os pais/ ou frequentando aulas. De acordo com a fonte 0,5% das mulheres e 6,1% dos homens em Mariana estavam em algum contato com dimensões da cultura escrita.

Como a Lista Nominativa de 1840 nos oferece o dado “alfabetização” recorremos a ela para termos uma ideia de qual era o índice de pessoas alfabetizadas em Mariana no período, e a partir dessa Lista confeccionamos a Tabela 2

Tabela 2- População de Mariana alfabetizada, incluindo o indicativo da condição racial^{vi} dos alfabetizados. (Ano : 1840)

Sexo	Alfabetizados			Não Alfabetizados			S/ Informação		Total
	N		%	N		%	N	%	
Mulheres	124		11%	206		18%	814	71%	
	Condição Racial			Condição Racial					
	Branças	3	0,2 %	Branças	0	0 %			
	Negras	16	1,3 %	Negras	74	6,4 %			
	S/Inf.	105	9,5 %	S/ Inf.	132	11,6 %			
Homens	261		29 %	74		8,2 %	565	62,8 %	
	Condição Racial			Condição Racial					
	Branços	13	1,4%	Branços	0	0 %			
	Negros	27	3 %	Negros	37	50 %			
	S/Inf.	221	24,6%	S/ Inf.	37	50%			

Fonte: Tabela elaborada com base na Lista Nominativa dos habitantes de Mariana (1840). APM/Cedeplar

Em relação ao índice de alfabetizados para o ano de 1840 notamos um crescimento em relação aqueles que estavam apenas em contato com a cultura escrita em 1831. Um total de 11% das mulheres eram alfabetizadas em Mariana no período, vale mencionar que 0,2 % delas eram brancas e 1,3% negras. É interessante atentar para o fato de que dentro do universo de mulheres alfabetizadas, as negras eram maioria. No caso dos homens o índice de alfabetizados sobe para 29%, dentre eles 1,4% brancos e 3% negros, ocorrendo o mesmo.

Embora não seja possível fazer uma relação direta entre aqueles que aprendiam a ler, e índice de alfabetização com o acesso a escola, é importante considerar que acessando o percentual de indivíduos que buscavam o aprendizado da leitura, ou eram alfabetizados temos uma dimensão preliminar acerca do lugar que a escrita e leitura assumia naquela

sociedade. Durante a primeira metade do século XIX em Minas Gerais, diversas pessoas poderiam ter contato com os periódicos fosse através da leitura, ouvindo a leitura ou mesmo vendo o objeto impresso. Para MOREL é importante destacar que “o papel impresso gerava novos ordenamentos, conteúdos e transmissão de palavras que não eram somente impressas, mas que existiam, está claro, faladas ou manuscritas” (MOREL, 2008, p. 28).

O tipo de contato com os significados do impresso poderiam estar condicionados à condição social, aptidões de leitura ou mesmo experiência pessoal de cada sujeito. Nesse sentido, os redatores, ao inserir seus discursos em uma folha impressa, certamente idealizavam quem seria o leitor daquele texto, um leitor que seria capaz de compreender os significados que ali estavam explícitos ou também implícitos. Desse modo, os jornais não se destinavam a qualquer pessoa, mas a um público específico, que era “limitado e seletivo”, e que deveria ser ao menos dotado de uma instrução mínima e necessária para uma boa leitura de um periódico (MOREIRA, 2006, p. 73).

No caso de alguns impressos, havia diálogo entre o círculo privilegiado de leitores e os autores por meio de correspondências, onde eram inseridas em uma coluna específica do periódico e às vezes comentada pelo redator. Assim, redator e leitor debatiam conferindo um sentido coletivo ao texto, que efetuava por sua vez a constituição de um espaço público de diálogo. Assim, MOREIRA (2006) afirma que cada leitura e cada texto era apropriado conforme expectativas e receios de leitores e ouvintes, resultando em múltiplos significados no que se referia as ideias e conceitos políticos. Embora os autores buscassem controlar a interpretação dos leitores, ao idealizar um público seletivo creditado a compreender os discursos de maneira legítima, inferimos que eles não foram capazes de prever como se dava o processo de apropriação dos textos que criavam e divulgavam. Moreira destaca que :

Os impressos não permaneceram circunscritos às camadas mais favorecidas da sociedade imperial, mas circularam pelas praças e ruas das vilas e cidades da Província. Neste processo, o uso das “folhas públicas” alargou-se, circulando em espaços diversos e sendo apropriadas por um público que não lhes eram destinadas. (MOREIRA, 2006, p. 86)

O público que não era visado enquanto *leitor modelo* pelos redatores, certamente leu e compreendeu o conteúdo veiculado pela imprensa local de alguma maneira/ a sua maneira, no entanto atribuindo certamente significados distintos do que os significados atribuídos pelos leitores potenciais.

Desvendando características do suposto leitor

Buscando percorrer algumas das possibilidades metodológicas apresentadas por Galvão e Jinzenji (2011), pretendemos neste momento trazer indícios acerca do suposto leitor para o jornal *O Novo Argos* em suas 8 primeiras edições.

Com base na nomeação explícita desse leitor

Em alguns momentos o redator do periódico se refere no texto, de maneira explícita a quem ele acredita que seria o seu leitor. Bhering se dirige por exemplo a “Ilustres Conselheiros da Província”, “cidadão brasileiro”, entre outros em seu periódico. A Tabela 3 irá apresentar quais as referências explícitas o redator faz ao suposto leitor do jornal, vale destacar que cada referência foi feita uma vez a cada edição.

Tabela 3: Referências explícitas ao suposto leitor em *O Novo Argos*.

<u>Edição 01</u>	<u>Edição 02</u>	<u>Edição 03</u>	<u>Edição 04</u>
-Ilustres Conselheiros da Província -Cidadão Brasileiro -Amigos da Liberdade	-Povo -Brasileiros -Briosos Mineiros	-Patrícios -Leitores	-Conterrâneos
<u>Edição 05</u>	<u>Edição 06</u>	<u>Edição 07</u>	<u>Edição 08</u>
-Leitores -Amantes da Igualdade	-Cidadão	-Mineiros -Brasileiros Firmes -Amigos Compatriotas -Leitores	-Ministros Eleitos -Homem de Bem

Fonte: Tabela elaborada com base na análise das 8 primeiras edições do periódico *O Novo Argos* (1829).

Os supostos leitores, aos quais o autor se refere nas páginas de seu periódico, pelos termos que se assemelham, parecem integrar uma comunidade que gosta de debater e ler sobre temas políticos. Ao identificar os personagens referenciados por Bhering nos cabe perguntar: quem seriam os “amigos da liberdade”, ou “os briosos brasileiros”? Provavelmente era um “homem de bem” disposto a lutar pela justiça e defender a pátria dos tiranos e imperadores ditadores que abusam do poder. As referências explícitas que temos nos oferece indícios de que o periódico se destinava aos “brasileiros firmes”, aos cidadãos "patrícios" que compreendiam o que era atuar politicamente. Aos "cidadãos" amantes da Nação e a favor da Constituição que entendiam o significado da “suprema autoridade da Nação” (*O Novo Argos*, ed. 03).

Com base nas temáticas mais abordadas no periódico

Os assuntos que assumiam maior centralidade nas páginas do periódico *O Novo Argos* eram, sem sombra de dúvidas, as questão de ordem política do Império. Em sua primeira edição o redator Bhering afirma que o periódico seria a “mais segura Egide, para defender de quaisquer tentativas dos inimigos da Patria”. E assevera que sua finalidade era “transmitir aquellas doutrinas, que forem mais conducentes `a civilização do povo”, e ainda declara que irá transcrever “alguns discursos dos Políticos mais celebres da America” bem como dos “redactores brasileiros amantes da Constituição” (*O Novo Argos*, ed. 01).

Analisar a temática sobre a qual se debruça o redator Ribeiro Bhering, não irá nos informar de forma direta quem são os leitores visados por ele. No entanto, poderá nos oferecer indícios de quais leitores poderiam se interessar pelos temas e conteúdos abordados no impresso. Com quais temas o impresso mais se sintoniza? Quais temas ele traz `a tona com maior veemência ?

O Novo Argos era composto de uma seção de política intitulada “Interior”, onde o redator contribuía com suas impressões ao abordar os mais variados temas políticos que discutiam desde o constitucionalismo, a liberdade, a igualdade e a pátria. Havia ainda uma seção livre em que ele inseria trechos de legislação comentados, notícias sobre atos de governo, uma seção intitulada “Noticias nacionais” e outra “Noticias estrangeiras”.

De uma maneira geral, podemos afirmar que os temas e conteúdos abordados no impresso nas suas primeiras 8 edições, em 1829, se referem `a questões políticas. Sobre o conteúdo apresentado no impresso, elencamos no Quadro 1 alguns termos e expressões que o autor aborda com maior ênfase nas primeiras edições.

Quadro 1: Temas e conteúdos abordados nas 8 primeiras edições de *O Novo Argos*
(1829)

Trechos da Constituição
Textos sobre Política
Liberdade
Liberalismo
Notícias sobre a Câmara e Nomeações Políticas
Comentários sobre Legislação
Atos de Governo em Geral acrescidos de impressões pessoais
Patriotismo
Boatos que se relacionam a política

Fonte: Quadro elaborado conforme os conteúdos analisados nas 8 primeiras edições de *O Novo Argos*
(1829)

A breve análise dos conteúdos abordados pelo impresso nos indica que além de trazer ao conhecimento do leitor textos sobre conceitos políticos, trechos de legislação e atos de governo, o redator parecia também se esforçar para doutrinar o leitor. Buscando sempre convencê-los da importância de representar a sua Nação, e assim o redator assevera:

(...) que todos os indivíduos da Nação tenham nella os seus representantes. O methodo, que melhor satisfizer a este objeto será o verdadeiro. Pois que todos os indivíduos são igualmente livres, e tem iguaes direitos ao bem da sua Nação, todos devem ter alli parte nas decisões geraes; alias é exclui-los de taes direitos, e é degrada-los da honra de Cidadão, que lhes compete. (*O Novo Argos*, ed. 04)

O suposto leitor, a partir das temáticas apresentadas em *O Novo Argos*, se convenciam de que participar de decisões públicas significava honrar-se como cidadão? Para

Ribeiro Bhering, a igualdade dos cidadãos perante a lei do Império repousava em parte na possibilidade de participar das decisões gerais da Nação. O suposto leitor de *O Novo Argos*, ao que tudo indica estava sintonizado com as discussões políticas conduzidas pelo redator, e compreendia noções como “progresso moral”, “liberais” “civilização” e “Pátria”. Na visão do redator, progresso da Nação se dava graças a gloriosa Majestade Imperial, e a suprema autoridade da Nação constitucional, aos homens do governo, e conselheiros da nação. Em suas críticas Ribeiro Bhering menciona diversas questões e temas, elencamos no Quadro 2 alguns temas que sobressaem no que se refere às críticas do redator.

Quadro 2: Palavras-chaves no que se refere as críticas presentes no impresso *O Novo Argos* (1829)

Em suas críticas o impresso se posiciona	Em suas críticas o impresso se posiciona
Tiranía	Constituição
Inimigos da liberdade pública	Igualdade dos cidadãos
Imperadores ditadores que abusam do poder	Autoridade da Nação
Militares egoístas	Liberdade; liberdade de imprensa
Literatos indiferentes	Pátria
Eclesiásticos corruptos	Civilização

Fonte: Quadro elaborado conforme os conteúdos analisados nas 8 primeiras edições de *O Novo Argos*

Por meio da análise do texto verificamos que o modo como o periódico dirigia-se ao leitor potencial, era também no sentido de estimular sua luta pela defesa da Constituição e dos ideais como justiça, liberdade, entre outros. Ribeiro Bhering abordava questões políticas em quase todas as páginas do impresso, e instigava o leitor a regozijar as esferas do governo constitucional.

O conteúdo escrito sugere que o leitor deveria ser alguém, de certa forma, familiarizado com o vocabulário específico do universo do jogo político, uma vez que supõe em alguns momentos de sua escrita que o leitor conheça, por exemplo, artigos da

Constituição Imperial de 1824, bem como conteúdos presentes nas Posturas Policiais Municipais.

Podemos supor que o esforço no qual Bhering se concentrava, através do jornal, repousava em instituir a noção de que os liberais eram os conselheiros da Nação, e apoiavam sobretudo a constitucionalidade. Ele ainda defendia veementemente a liberdade de imprensa, e percebia nela possibilidades de denunciar posturas absolutistas, tiranas e convenientes das autoridades civis e eclesiásticas.

É importante mencionar que as discussões políticas durante a primeira metade do século XIX eram bastante acirradas no contexto de Mariana, e se expressavam em sua maioria através da imprensa de periódicos. No caso de *O Novo Argos*, podemos considerar que o jornal assumia uma tendência em defesa dos liberais e do patriotismo. Contudo, vale destacar uma tensão vivida pelo seu redator que acreditamos ter relação com o processo de criação do periódico: após Ribeiro Bhering assumir no ano de 1827, a cadeira de filosofia do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, teve início uma série de desentendimentos entre ele e o Prelado da Diocese mineira, Dom Frei José da Santíssima Trindade. Frei José, conservador, representava a mais alta liderança religiosa da Igreja Católica na província e, embora tenha convidado Bhering para assumir a cadeira de filosofia no Seminário, o demitiu ao final de 1829 sob acusação de pregar “novidades filosóficas”. O prelado passou a recriminar Ribeiro Bhering pois não via com bons olhos os padres adeptos do “filosofismo moderno”, e mesmo após demiti-lo continuou o perseguindo e afirmando que ele faltara com respeito às tradições católicas em suas aulas de filosofia.

Frei José lamentava publicamente o fato de seu principal opositor, ter sido um sacerdote formado no Seminário, que por suas mãos “aprendeu e por ele foi sustentado, provido de livros pela mínima pobreza”, e depois quando “serviu de lente de Filosofia”, pela “demagogia” acabou por “demoralizar” os alunos. O Frei afirmava ainda

(...) fui, obrigado, digo, fui constrangido a lança-lo fora, e então se desmascarou em escritos públicos contra mim, contra seus mestres e contra o próprio Seminário a quem deve sua prosperidade, dirigindo a incendiária folha intitulada *O Novo Argos* de Minas, chamando-se hoje a par de outros demagogos naquele Conselho, que parece disposto a desacreditar o Seminário e fazê-lo odioso, para apressar a sua destruição e abandono. (AECM: Arquivo 2; Gaveta 2; pasta 8 *apud* ALMEIDA, 2013)

O padre e redator Ribeiro Bhering, ao contrário, argumentava que no Seminário deveria ser implantando um ensino livre de fanatismos religiosos, e que se mantivesse em consonância com as luzes do século. Ele acreditava que o colégio episcopal deveria contribuir para a consolidação do regime constitucional, e se tornar um espaço de sociabilidade que pudesse ser desfrutado por qualquer indivíduo em busca de conhecimento.

O fato, é que estabeleceu-se entre Frei José e Ribeiro Bhering um embate que ao abordar questões políticas locais se ligava à uma ordem nacional: estava posta ali um espinhoso debate^{vii} entre Estado e Igreja, e com isso o modelo de sociedade política que se pretendia estabelecer. Isso nos revela o clima de efervescência cultural de Mariana e o teor das ideias que eram mobilizadas naquele contexto pelo redator de *O Novo Argos* (ALMEIDA, 2013). O embate travado entre Bhering e o prelado nos leva a crer que o periódico parecia servir também para lançar à público as opiniões políticas de Ribeiro Bhering acerca da relação Estado e Igreja, liberalismo, Constituição e pátria. Os textos escritos no periódico deixavam claras as suas posições políticas, quase sempre contrárias ao Prelado e a forte influência do poder religioso nas questões de ordem pública ou política. Na edição 03, de 1829, Bhering publica no impresso uma coluna intitulada “*Exata classificação dos traidores mais importantes e perigosos a sociedade*”, e declara que a “Quarta classe” de traidores era formada pelos

Eclesiásticos astutos, corruptos inteiros, vendidos ao poder, e participantes dele, padres, e frades fanáticos, e supersticiosos, que, em vez de ensinarem o caminho da virtude, e da verdadeira Religião, usam traidoramente do confeccinario, para insinarem ao povo simples, e mederozo, que se deve obedecer aos tiranos. (*O Novo Argos*, ed. 03)

Uma das hipóteses imaginadas aqui, é a de que *O Novo Argos* tenha sido criado por Bhering para que ele pudesse provocar debates e difundir suas ideias e opiniões políticas demonstrando sua confiança no Poder Legislativo e no progresso da Nação, posicionando-se sempre de maneira crítica em relação a Igreja. O jornal foi criado em novembro de 1829, um mês depois de Bhering ter sido demitido pelo Frei José, de sua função de professor de filosofia do Seminário de Nossa Senhora de Boa Morte. Ribeiro Bhering não mediu esforços e palavras para asseverar sua posição política, em alguns casos, contrária a posição da Diocese, e favoráveis ao progresso da civilização. Em seu impresso, os textos caminham

sempre no sentido de que o Império deveria superar suas desavenças e manter as conquistas de um período de hegemonia liberal, mas conservando sempre a força de suas instituições. Enquanto força ativa da vida moderna, é essencial que os estudos históricos busquem problematizar a imprensa considerando que ela se apresenta mais como um elemento constitutivo das tessituras sociais, e do processo vivido, do que mais propriamente um registro dos acontecimentos. O documento é suporte da prática social, e fala de um lugar social de um determinado tempo. E assim, cabe ao historiador conceber a imprensa enquanto uma linguagem que é antes de tudo constitutiva do social, e que detém em si uma historicidade e peculiaridade próprias.

ⁱ Em consulta a Hemeroteca Digital observamos que no ano de 1833, por exemplo, nos meses de janeiro e fevereiro foram publicadas 2 edições de *O Novo Argos* em cada mês, tendo portanto o intervalo de 15 dias nas publicações. Nos meses de agosto e setembro do referido ano o intervalo de publicações era de 10 dias. Tal situação se repete nos anos seguintes de vigência do periódico, em meses específicos.

ⁱⁱ Conforme a divisão da província de Minas Gerais, com base em seu nível de desenvolvimento durante a primeira metade do século XIX. (PAIVA, Clotilde, 1996, p. 115)

ⁱⁱⁱ Para informações a respeito das Listas Nominativas ver: PAIVA, Clotilde, 1996

^{iv} Quando se refere a sede do Termo de Mariana, desconsidera-se os 38 distritos que compunham o extenso território do Termo no ano de 1831.

^v Dentre as classificações de ocupações apresentadas na fonte que se referem ao universo da escrita ou ensino, as mais recorrentes são: aprendendo a ler; com seu pai em estudo da gramática; em estudos; na escola de primeiras letras.

^{vi} O indicativo racial foi apresentado na tabela em caráter simbólico, uma vez que os negros em Mariana estiveram envolvidos com o processo de escolarização. Para o aprofundamento do assunto ver: FONSECA, M.V. População negra e educação: uma análise a partir do perfil racial das escolas mineiras no século XIX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009; Pretos, pardos crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX. 2007. 256 f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

^{vii} Para mais informações ver : ALMEIDA, Gabriela Berthou de Almeida. O Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte na construção da nação: debates políticos e propostas educacionais. In: HAMDAN, J. C; FONSECA, M. V.; CARVALHO, R. A. Entre o seminário e o grupo escolar: a história da educação em Mariana (XVIII e XX). Belo Horizonte: Mazza, 2013, p. 13-32

Referências

ALMEIDA, Gabriela Berthou de Almeida. O Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte na construção da nação: debates políticos e propostas educacionais. In: HAMDAN, Juliana Cesário; FONSECA, Marcus Vinícius; CARVALHO, Rosana Areal. *Entre o seminário e o grupo escolar: a história da educação em Mariana (XVIII e XX)*. Belo Horizonte: Mazza, 2013, p. 13-32

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa:DIFEL, 1990.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O Grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sonia Coutinho. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

ESTRELLA Mariannense. 1831. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira/Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em 18 de janeiro de 2017

FONSECA, Marcus Vinícius. A educação como expressão do urbano na cidade de mariana na primeira metade do século 19. *Hist. Educ.*, Santa Maria , v. 20, n. 48, p. 193-212, Apr.2016.Disponível<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223634592016000100193&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 06 de fevereiro de 2017.

_____. *População negra e educação: uma análise a partir do perfil racial das escolas mineiras no século XIX*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009

_____. *Pretos, pardos crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX*.2007. 256 f. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira Galvão; JINZENJI, Mônica Yumi. A quem se destinava o Boletim Vida Escolar? In: GALVÃO, A. M. O; LOPES, E. M. T. (Orgs.) *Boletim Vida Escolar: uma fonte e múltiplas leituras sobre a Educação no início do século XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MOREIRA, Luciano da Silva. *Imprensa e política: espaço público e cultura política na província de Minas Gerais, 1828-1842*. 2006. (Dissertação de Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820- 1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.

_____. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

O NOVO ARGOS, 1829-1834. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira/Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em 20 de maio de 2017.

PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. 1996.228 f. Tese. (Doutorado em História)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: *Caderno de Pesquisa*, n.104, jul. 1998, p.144-161